

A PLATAFORMIZAÇÃO DA SOCIEDADE E SUAS IMPLICAÇÕES NA DOCÊNCIA

RAI MARCELO DE OLIVEIRA FEIJÓ¹; SANDRO FACCIN BORTOLAZZO²

¹Universidade Federal de Pelotas – raimarcel.ro@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas (orientador) – sandrobortolazzo@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Imersos em um contexto em que as tecnologias digitais têm invadido vários espaços de sociabilidade, aciona-se a ideia de Plataformização da Sociedade (VAN DIJK, POELL E DE WALL 2018) com o intuito de examinar as implicações das plataformas digitais na docência. Para os autores, a Plataformização da Sociedade significa que inúmeras atividades cotidianas estão atreladas às plataformas que, como em um ecossistema conectado, organizam rotinas e vão conduzindo os sujeitos com o auxílio de aplicativos digitais. Nesse sentido, áreas como a da docência também vão se orientando de acordo com a lógica das plataformas.

Quando se pensa em docência, há uma relação direta às atividades desenvolvidas por professores em sala de aula. No entanto, hoje é possível observar um atravessamento dos aparatos digitais nas atividades docentes, sobretudo, por meio de plataformas e aplicativos como Google, YouTube, WhatsApp, Instagram e Facebook. Diante disso, espera-se dos docentes certa competência tecnológica quanto aos usos das plataformas e dos recursos digitais, o que produz movimentos que interferem e moldam as relações com ensino, aprendizagem, trabalho, profissão etc. Tais aspectos são analisados no imbricamento entre tecnologias e plataformização.

Os achados iniciais da pesquisa apontam para uma docência ininterrupta, no sentido de que o trabalho docente tem continuidade para além da carga horária estipulada. Ademais, a ideia de docência, na sociedade contemporânea, exige certa exposição e interação junto às plataformas e redes sociais. Ainda dentro desse contexto de adaptação ao digital, a formação docente – inicial e continuada – vem sendo, cada vez mais, individualizada, com o auxílio das tecnologias digitais.

2. METODOLOGIA

A pesquisa está inserida dentro do campo dos Estudos Culturais em Educação. Assim, considera-se o conceito de cultura também na sua dimensão material, ou seja, seguindo Williams (1961, p.46), a cultura envolve “o estudo das relações entre os elementos de todo um modo de vida”. Isso significa que qualquer produção humana, seja ela material ou simbólica, é parte do repertório cultural das sociedades. Em outras palavras, nos Estudos Culturais, a cultura deixa, gradualmente, de ser examinada a partir de um domínio exclusivo da erudição, da tradição literário-artística, dos padrões estéticos elitizados, e passa a contemplar também quaisquer manifestações populares.

Dentro desse contexto, artefatos como *smartphones*, computadores, redes sociais e plataformas digitais constituem parte integrante da nossa sociedade, podendo ser alocados como elementos integrantes do que se tem denominado de cultura digital. Na perspectiva de Bortolazzo (2021, p. 6), a ideia em torno da cultura digital “ganha existência na medida em que os sujeitos vão se utilizando das

tecnologias para diversas atividades cotidianas”. Quer dizer, a cultura digital pode expressar um modo de vida atravessado pelos aparatos digitais, de tal maneira que pode, porventura, acabar conduzindo os sujeitos. Contextualmente, a própria materialidade da cultura digital está nas plataformas digitais, nas redes sociais e nos inúmeros aplicativos para *smartphones*. Ademais, adota-se a noção de “plataformização da sociedade”, visto que a percebemos como parte dos fenômenos que permeiam as práticas diárias e que, portanto, também atravessa a prática docente, objeto de análise deste estudo.

Esta pesquisa apresenta um caminho de investigação que engloba a revisão bibliográfica e a pesquisa exploratória. Em um primeiro movimento, analisa-se as características em torno da Plataformização da Sociedade (VAN DIJK, POELL E DE WALL 2018). No segundo movimento, relaciona-se como a Plataformização da Sociedade pode ser pensada na perspectiva da prática docente.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A discussão e os resultados apresentados partem da premissa de que a nossa sociedade vem, gradativamente, incorporando as plataformas digitais como parte integrante das atividades cotidianas, inclusive, as de caráter educacional. As plataformas, no horizonte de entendimento de Van Dijk, Poell e De Wall (2018, p.9), “moldam a forma como vivemos e como a sociedade está organizada”. Dessa forma, “elas também produzem as estruturas sociais em que vivemos”. (*idem*, 2018, p.2).

Dessa maneira, três elementos, entre outros, podem ser analisados na relação entre docência e plataformas digitais: a ideia do trabalho ininterrupto; a exposição dos docentes às redes sociais e plataformas; a formação docente como um processo, cada vez mais, individualizado.

Um primeiro elemento de análise é a ideia do trabalho ininterrupto. Tal conceito remete à noção de que a atividade laboral é contínua, ou seja, incessante, sem pausas ou intervalos. Quanto ao trabalho docente, é possível observar que o laboral não finda no término da aula, mas se encontra em continuidade por meio de plataformas como WhatsApp, Moodle, e-mail, Instagram etc.

Os docentes, além das atividades em sala de aula, hoje precisam abastecer as plataformas, interagindo com os estudantes e, às vezes, respondendo à direção escolar ou mesmo aos pais. Quer dizer, é possível observar que esse tipo de uso das plataformas requer “uma alta disponibilidade por parte dos professores para atender às demandas dos estudantes, fazendo com que o trabalho docente não finde com o término do período de aula” (BORTOLAZZO 2020, p.11).

A imersão dos docentes nas plataformas e a adoção a um regime de trabalho ininterrupto são amplamente exigidos, já que se espera dos docentes um desempenho otimizado. Nesse contexto, a docência pode ser vista como um produto, impulsionado, constantemente, pela necessidade de adaptação ou flexibilização, mesmo que isso implique uma carga de trabalho excessiva.

Um segundo aspecto a ser considerado é a exposição, referindo-se à necessidade, marcadamente pontuada pelas redes sociais, dos usuários se envolverem e interagirem juntos às plataformas. Quer dizer, para os usuários existirem nas redes sociais, a simples conexão não é suficiente. É esperado que participem de forma ativa. Ao compartilhar uma opinião, por exemplo, os usuários não apenas observam, mas se envolvem com os conteúdos.

A exposição também pode ser aplicada aos docentes. Espera-se, cada vez mais, que professores possam interagir nas redes sociais, seja postando conteúdos

de suas aulas por meio de plataformas como YouTube ou Instagram, seja comentando, curtindo ou compartilhando conteúdos de estudantes ou de outros colegas.

O WhatsApp, por exemplo, é uma plataforma que ganhou importância em termos de usabilidade educacional, sobretudo, no período pandêmico. Muitos professores fizeram uso do aplicativo para enviar atividades ou mesmo para conversar com os estudantes, com a direção escolar ou com os pais. Contudo, frequentemente, via grupos, os docentes acabaram sendo expostos a conversas que não estão diretamente relacionadas ao ambiente educacional.

Além disso, os professores podem, por vezes, serem solicitados por estudantes a compartilhar conteúdos ou postagens. Imagine a situação em que, em uma dada aula, o estudante tire uma foto do conteúdo ou publique a foto da turma. Muitas vezes, os docentes, ao serem marcados nas fotos, se sentem na obrigação de compartilhar, já que, hoje, “o ser um bom professor”, se encontra igualmente atravessado pela lógica das plataformas e redes sociais.

Um terceiro e último elemento de análise vê o profissional docente como um empreendedor de si mesmo. As plataformas digitais endereçam um tipo de educação ao estilo móvel e individualizada, identificando os sujeitos como responsáveis pela própria formação. Tal assertiva dialoga com o que Foucault (2006) chamou de “empresário de si”. Pode-se afirmar que a formação docente, tanto inicial quanto continuada, vêm ocorrendo de maneira individualizada. Isso decorre do fato de que os sujeitos são incentivados constantemente a buscar conhecimentos, visando aumentar seu capital humano e tornar-se, por assim dizer, mais consumíveis e desejáveis. (BORTOLAZZO, 2022)

Isso nos leva à ideia de que a formação ocorre através do esforço pessoal de cada indivíduo, que assume a responsabilidade por sua própria formação. De fato, a educação vai se deslocando do campo da participação coletiva e social, para um projeto de desenvolvimento pessoal e, por assim dizer, individualizado. Os docentes são conduzidos, assim, a se ver como um empreendimento individual, e sua relação com a educação se transforma em um processo voltado para a busca da máxima utilidade.

Consequentemente, é requerido que os docentes se adaptem a esse contexto individualizado. Participar de cursos online e treinamentos se torna parte do processo de adaptação, flexibilização e formação individualizada. Dessa maneira, verifica-se que a formação docente não está mais restrita ao ambiente educacional institucionalizado, mas espalhada nas plataformas digitais e dispersa nos inúmeros aplicativos e cursos à distância.

4. CONCLUSÕES

O objetivo do trabalho foi o de desenvolver uma análise das implicações da platformização da sociedade no trabalho docente. Portanto, retomando os três elementos analítico: a docência ininterrupta, a exposição dos docentes às plataformas e redes sociais, e a formação docente como um processo individualizado, pode-se afirmar que os três elementos representam formas de ver os efeitos da platformização no campo da atuação docente.

Ademais, as plataformas digitais exigem certos comportamentos ou competências dos profissionais (docentes ou não) para operar em um tempo em que flexibilidade e conectividade parecem imperar.

As análises aqui empreendidas apontam para mudanças significativas e contínuas que estão em operação nas sociedades, sugerindo uma agenda de investigação para abordar o fenômeno da plataformização da sociedade nos mais diversos espaços.

Mesmo tomando a plataformização e a docência como centrais nesta pesquisa, vale frisar que se trata de uma análise que poderia incluir outros tantos fenômenos culturais protagonizados pelas redes e plataformas digitais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORTOLAZZO, Sandro F. Uma análise sobre o Whatsapp e suas relações com a educação: dos aplicativos às tecnologias frugais. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 22, p. 1-15, 2020.

BORTOLAZZO, Sandro F. Entre smartphones e saúde: uma análise do aplicativo lise do aplicativo myfitnesspal. **Artefactum: revistas de estudos em linguagem e tecnologia**. Rio de Janeiro, v.21, n.1 p. 1-16. 2021.

BORTOLAZZO, Sandro F. O dilema das plataformas e redes digitais: **Cadernos de educação**, Pelotas, v.66, p. 1-20. 2022.

FOUCAULT, M. Estratégia saber e poder. Coleção: **Ditos & Escritos v. VI**. Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta. Tradução: Vera Lúcia Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

WILLIAMS, Raymond. **The long revolution**. Londres: Penguin Books, 1961.

VAN DIJCK, J.; POELL, T.; WALL, M. **The Platform Society: public values in a connective world**. Londres: Oxford Press, 2018.